

TRADUÇÃO DE POESIA E LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL: UM DIÁLOGO

Juliana Cunha Menezes¹

RESUMO:

Este estudo estabelece um diálogo entre Tradução de Poesia e Linguística Computacional. A anotação, uma das atividades desta, é usada para mostrar alguns aspectos semântico-lexicais de um poema original em inglês, os quais foram alterados, omitidos, acrescentados, invertidos, na tradução em português. O objetivo deste trabalho é destacar a imprecisão das categorias usadas na anotação, as quais correspondem aos processos tradutórios supramencionados.

Palavras-chave: Tradução de Poesia; Linguística Computacional; Anotação.

ABSTRACT:

This study establishes a dialog between Poetry Translation and Computational Linguistics. Annotation, which is one of the activities of Computational Linguistics, is used to show some semantic-lexical aspects of an original poem in English that were altered, omitted, added, inverted, in the Portuguese translation. The aim of this paper is to highlight the imprecision of the categories used in the annotation, which correspond to the translation processes abovementioned.

Key-words: Poetry Translation; Computational Linguistics; Annotation.

Introdução

A questão da tradução de poesia vem sendo muito discutida na academia. Há estudiosos que não acreditam nela pois, para eles, cada poema tem sua essência, que jamais poderia ser transmitida para outra língua:

Um poema lírico é um ser vivo, de uma vida furtiva que reside no arranjo das palavras; não se transporta essa vida para um corpo estranho. Eu lia uma tradução russa muito exata e aceitável das *Noites* de Musset, e ela me dava o mesmo prazer que pode produzir o cadáver de uma bela criatura. A Alma tinha desertado, o aroma que constitui todo o valor dessas sílabas evaporara-se. (VOGÜE apud LARANJEIRA, 1993, p. 25)

¹ Professora Adjunta A da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará. Doutora em Letras / Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. E-mail: julianamenezes@ufpa.br.

Partidários dessa visão encaram o poema como uma forma que contém significados intrínsecos a ela e, por isso, se o idioma muda, tais sentidos se perdem.

Existem teóricos que acreditam na tradução de poesia. Mário Laranjeira, por exemplo, rejeita as ideias expostas acima. Segundo ele, no poema, a interação dos significantes gera significados, e esse processo é denominado de *significância*. Para esse autor, é possível traduzir um poema produzindo, na tradução, “uma *significância* correlata à do poema original.” (LARANJEIRA, 1993, p. 30, grifo nosso). Um outro escritor que defende ideias semelhantes às de Laranjeira é Paulo Henriques Britto. De acordo com ele, o tradutor pode “*recriar*, utilizando, os recursos da língua-meta, *os efeitos de sentido e forma do original* – ou, ao menos, uma boa parte deles” (BRITTO, 2002, p. 54, grifos nossos). A *significância* de Laranjeira pode ser encarada como análoga ao processo de *recriar os efeitos de sentido e forma do original* de Britto.

Para os que defendem a intradutibilidade da poesia, a avaliação de uma tradução de poesia não faria sentido. Sob esse ponto de vista, todas as traduções seriam inválidas. Já se adotarmos as visões de Laranjeira e Britto, podemos dizer que a avaliação de traduções é possível. Para fazermos essa avaliação, teríamos que comparar a tradução com o original, verificando se a *significância* — os efeitos de sentido e forma do original — foram recriados na tradução.

Mesmo entre os acadêmicos que acreditam na avaliação desse tipo de tradução, podemos apontar divergências. Discutirei brevemente as ideias de Rosemary Arrojo e de Britto sobre esse tema. Para Arrojo, quando nos propomos a avaliar traduções de poesia, “Inevitavelmente [...] aceitaremos e celebraremos aquelas traduções que julgamos “fiéis” às nossas próprias concepções textuais e teóricas e rejeitaremos aquelas de cujos pressupostos não compartilhamos” (ARROJO, 2002, p. 45). Tal autora tende a focar seus argumentos principalmente na subjetividade do avaliador. Já para Britto (2006b), é possível fazermos avaliações baseando-nos em aspectos significativos de cada nível e plano das traduções — nível formal, semântico-lexical e plano de recursos sonoros — sobre os quais há um certo *grau de consenso* entre estudiosos da área de tradução de poesia.

Britto, a fim de justificar suas opiniões acerca de traduções de poesia, utiliza certas categorias para análise e avaliação de traduções. Assumimos que essas categorias utilizadas por ele, individualmente, poderiam ser alvo de um processo que almeja, em última instância, explicitá-las de forma clara o suficiente a ponto de garantir uma concordância quando da sua aplicação a um mesmo objeto (tradução de poesia), por estudiosos diferentes. A ideia seria, então, explicitar categorias implícitas.

Este trabalho acredita em avaliações minimamente consensuais de traduções de poesia. Cremos que podemos nos valer de determinadas categorias, compartilháveis entre estudiosos interessados na área, para dizermos, analisando traduções de um mesmo original, comparando-as com ele, qual seria a mais fiel a esse original. A visão sobre *fidelidade* na qual acredito é

aquela adotada por Britto, e está estreitamente ligada à *correspondência* e à *perda*: “quanto maior a correspondência ponto a ponto entre os componentes de um dado elemento do original e os componentes da contraparte na tradução, menor terá sido a perda” (BRITTO, 2002, p. 65-66), e mais fiel ao original será a tradução.

O presente estudo discute categorias de avaliação de traduções de poemas, levando em consideração somente o nível semântico-lexical. O nível formal (níveis métrico e rimático) e o campo poético de recursos sonoros (aliterações e assonâncias, por exemplo) não foram incluídos neste trabalho.

Tais categorias correspondem a estratégias de tradução: alteração semântica; omissão, acréscimo; inversão. Elas foram criadas em BRITTO (2002; 2006c) – e definidas/sistematizadas na tese de doutorado de MENEZES (2017).

O objetivo deste estudo é mostrar as convergências e divergências entre duas anotações diferentes dos mesmos original e tradução, destacando, assim, a imprecisão das categorias usadas. O presente trabalho está conectado à tese de MENEZES (2017), que teve como meta principal fornecer, a diversos estudiosos, categorias minimamente consensuais de avaliações de poemas.

1. A anotação na Linguística Computacional e na Tradução de Poesia

A Linguística Computacional (LC) é

é uma área aplicada, que se dedica à resolução de tarefas que envolvem a linguagem e que tem, como um de seus interesses, o desenvolvimento de ferramentas capazes de processar o texto, como lematizadores, analisadores morfossintáticos e semânticos. (FREITAS, 2015, p. 45)

Uma das atividades da LC é a *anotação*, que consiste em identificar e classificar um certo fenômeno linguístico, utilizando rótulos, etiquetas, *categorias*, em um determinado corpus para, assim, atingirmos um determinado objetivo. Um corpus pode ser definido como “um corpo de material linguístico existente em forma eletrônica, e que pode ser processado pelo computador para pesquisas linguísticas e engenharia linguística, por exemplo” (LEECH, 1997, p.1). Segundo Leech, a *anotação de um corpus* é

a prática de adicionar informação **interpretativa, linguística** a um corpus eletrônico de dados linguísticos falados e / ou escritos. “Anotação” também pode se referir ao produto final desse processo: os símbolos linguísticos que são anexados, ligados, ou intercalados à **representação** eletrônica do material linguístico em si. (LEECH, 1997, p.2, grifos do autor)

Ao dizermos que a anotação é “interpretativa”, assumimos que ela, pelo menos em algum grau, “é o produto da compreensão do texto pela mente humana. Não há um jeito totalmente objetivo, mecânico, de decidir que etiqueta ou etiquetas devam ser aplicados a um dado fenômeno linguístico [...]” (LEECH, 1997, p. 2).

A anotação nada mais é que uma *categorização*. Segundo Ellis, categorização é “o aspecto mais fundamental da linguagem [...] e é a categorização, não a comunicação, que é a função mais importante da linguagem, que precede todas as outras” (ELLIS, 1993, p. 27). Para Ellis, as línguas são categorizações pois simplificam a complexidade das experiências, reduzindo a quantidade infinita a um conjunto finito de categorias – a um conjunto finito de palavras. Podemos encontrar uma ideia semelhante em obras de Nietzsche (1873/2009):

Denominamos um homem “honesto”; por que ele agiu hoje tão honestamente? – perguntamos. Nossa resposta costuma ser: por causa de sua honestidade. A honestidade! [...] O certo é que não sabemos nada de uma qualidade essencial, que se chamasse “a honestidade”, mas sabemos, isso sim, de numerosas ações individualizadas, portanto desiguais, que igualamos pelo abandono do desigual e designamos, agora, como ações honestas; por fim, formulamos a partir delas uma *qualitas occulta* com o nome “a honestidade”. (NIETZSCHE, 1873 /2009, p. 48, grifo do autor)

De acordo com Ellis, as categorias são construídas em função de nossos interesses:

as categorias linguísticas são, primeiramente, o reflexo dos objetivos coletivos dos falantes, e não os reflexos diretos da estrutura do mundo. Em outras palavras, a equivalência criada pelas categorias de uma língua é funcional: aquelas coisas incluídas numa categoria podem ser e são tratadas como equivalentes em função dos interesses envolvidos na construção dessa categoria, apesar de não serem idênticas. Reciprocamente, o que é excluído de uma categoria é tratado como diferente apesar de algumas coisas excluídas apresentarem mais semelhanças com alguns membros da categoria do que esses mesmos membros apresentam em relação a muitos outros membros da categoria. Por exemplo, na grande cadeia de dialetos de língua românicas, que vai do nordeste até o sudeste europeu, um dialeto do francês falado próximo à fronteira da Itália poderia ser (especialmente antes dos efeitos da padronização serem sentidos) mais parecido com o dialeto do italiano falado do outro lado da fronteira do que com o seu respectivo idioma padrão; mesmo assim, tais dialetos ainda são categorizados como “francês” e “italiano”. (ELLIS, 1993, p. 34).

Ellis complementa tal ideia afirmando que, como nossos interesses variam, nossas categorias são fluidas, instáveis: “as coisas que são agrupadas pelas categorias linguísticas são tratadas *como se fossem* equivalentes e que as razões para essa equivalência podem variar”

(ELLIS, 1993, p. 35, grifo do autor). Para os objetivos deste estudo, foram agrupadas omissões variadas na categoria OMISSÃO, alterações semânticas variadas na categoria ALTERAÇÃO SEMÂNTICA; acréscimos variados na categoria ACRÉSCIMO (nível semântico-lexical); inversões variadas na categoria INVERSÕES. Somente assim, igualando o não igual, foi possível darmos conta da variedade de características do nível semântico-lexical do estudo de caso.

A anotação, tanto na LC quanto na tradução de poesia, pode ser um recurso para se fazer *avaliações*. Na LC, a anotação é geralmente usada para verificar o grau de acerto de um sistema com relação a uma determinada tarefa. Uma das maneiras de se avaliar um sistema é comparando o seu resultado com o de um gabarito (também chamado de *golden collection*). A criação de gabaritos, na Linguística Computacional, é um trabalho essencialmente linguístico e moroso: o gabarito representa o desempenho humano, e é em comparação a ele que os sistemas deverão ser comparados. A criação desses gabaritos, frequentemente, é feita por meio da tarefa de anotação. Na tradução de poesia, quando temos duas traduções de um mesmo original, podemos elaborar categorias para anotar o original e as traduções, a fim de se fazer possíveis avaliações: entre as duas traduções, verificar qual seria a mais fiel ao original.

Tais recursos de avaliações, na LC e na tradução de poesia, baseiam-se no *consenso*. Na LC, ao compararmos o resultado do sistema com o de um gabarito, verificamos o quanto esse resultado *coincide* com o gabarito. E na tradução de poesia, ao compararmos as anotações do original e das traduções, feitas por diferentes estudiosos, verificamos o grau de *coincidência* entre as anotações. Tanto em uma área quanto na outra, apesar de usarmos categorias que consideramos bastante precisas e delimitadas, observamos, através da anotação, que “sempre que traçamos uma linha divisória entre duas categorias há uma zona cinzenta entre elas, e haverá casos que não se enquadram perfeitamente nem numa nem na outra” (BRITTO, 2012, p.29). Os limites entre as categorias podem parecer, a princípio, bem claros, porém, ao anotarmos, deparamo-nos com a fluidez dessas fronteiras.

Cada anotação tem seu objetivo específico e, segundo Leech (1997), há uma série de decisões que precisam ser tomadas quando anotamos um corpus, e são norteadas pelos nossos interesses, pelos objetivos da anotação. A tomada de decisão é constante na anotação, o que evidencia determinados aspectos linguísticos inerentes à imprecisão das categorias, utilizadas para estabilizar um dado fenômeno. Portanto, a anotação pode nos ajudar a investigar a língua, porque lida, o tempo todo, com as “zonas cinzentas” da linguagem natural. Dessa forma, neste estudo,

entendemos a anotação como uma forma de estudar a língua, e não apenas como uma atividade mecânica capaz de prover material para sistemas que processam a língua automaticamente. A anotação possibilita um estudo linguístico empírico, desenhado à maneira clássica, no qual se criam hipóteses (categorias/etiquetas provisórias) que serão verificadas durante a anotação.

Nesse processo, as hipóteses iniciais podem ser confirmadas ou os dados podem levar à reformulação das categorias iniciais, e o processo recomeça. Enfatizamos a anotação como um procedimento que envolve interpretação, classificação e formalização do fenômeno em foco. (SANTOS et al, 2015, p.13-14)

No presente estudo, as anotações do poema original e da tradução foram feitas por duas diferentes estudiosas. Ao compararmos essas anotações em busca de consenso, confirmarmos/validamos ou verificamos a necessidade de reformulação das categorias. O consenso permite confirmação e validação, já a falta dele abre espaço para reformulações e refinamentos. A anotação, além de me ajudar a atingir os objetivos do estudo, também deve salientar os limites da metalinguagem, pois todas as categorias que utilizarei nesta tese são palavras da linguagem natural: se as palavras são categorias fluidas da linguagem, as categorias utilizadas na presente pesquisa são categorias instáveis para análise e avaliação de tradução de poesia.

Neste trabalho, o corpus é composto por dois poemas: o original, em inglês, e a tradução, em português. A anotação foi feita usando ferramentas do Microsoft Word. Duas anotadoras, com grande conhecimento na área da Tradução, foram voluntários: TM e AD. Ambas usaram um manual para instruí-los nas anotações, o qual continha as explicações das categorias, orientações para anotação, e exemplos de anotação de cada categoria.

2. As anotadoras

2.1. TM

Graduada em Letras – Inglês/ Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Certificada pelo curso de extensão de Formação de Tradutores Inglês-Português da PUC-Rio. Mestre em Letras/ Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, e doutora em Letras / Estudos da Linguagem pela mesma universidade.

2.2. AD

Tradutora inglês-português e revisora de textos, com experiência nas áreas de patentes e medicina. Graduada em Letras – Inglês/Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ, certificada pelo curso de extensão de Formação de Tradutores Inglês-Português da PUC-Rio e pós-graduada em Tradução de Inglês pela Universidade Estácio de Sá.

3.Manual

3.1. Categorias e explicações:

Tabela 1: ALTERAÇÃO SEMÂNTICA, OMISSÃO, ACRÉSCIMO, INVERSÃO e explicações correspondentes

ALTERAÇÃO SEMÂNTICA	É a estratégia que consiste em traduzir um termo ou trecho do original alterando seus elementos semânticos em um termo ou trecho correspondente da tradução.
OMISSÃO	É a estratégia de tradução que consiste na omissão de elementos semânticos presentes em um termo ou trecho da estrofe do original.
ACRÉSCIMO	É a estratégia de tradução que consiste no acréscimo de elementos semânticos que não estão presentes na estrofe do original, através de um termo ou um trecho da tradução.
INVERSÃO	É a estratégia de tradução que consiste em inverter a ordem das palavras de um trecho do original no trecho correspondente da tradução.

3.2. Orientações para anotação

Tabela 2: ALTERAÇÃO SEMÂNTICA, OMISSÃO, ACRÉSCIMO, INVERSÃO e orientações para anotação de cada uma

ALTERAÇÃO SEMÂNTICA	Devem ser anotadas da seguinte forma: { XXXXX } ^{asem} , mantendo sempre o termo ou o trecho a ser anotado entre duas chaves.
OMISSÃO	Devem ser anotadas da seguinte forma: { XXXXX } ^{omi} , mantendo sempre o termo ou o trecho a ser anotado entre duas chaves.
ACRÉSCIMO	Devem ser anotados da seguinte forma: { XXXXX } ^{acr} , mantendo sempre o termo ou o trecho a ser anotado entre duas chaves.
INVERSÃO	Devem ser anotadas da seguinte forma: { XXXXX } ^{inv} , mantendo sempre o termo ou o trecho a ser anotado entre duas chaves.

3.3. Exemplos de anotação de cada categoria

Tais exemplos foram retirados de Saraiva (1999). Tabelas 3, 5 e 6 apresentam versos de “Catarina to Camoes”, de E.B. Browning, e a tabela 4, versos de “To a Skylark”, de Shelley. Além disso, todas as traduções desta subseção foram realizadas pelo escritor português Fernando Pessoa.

Tabela 3: ALTERAÇÃO SEMÂNTICA

Convenes the ape in man to carnival; — Nor as the cynic of a later time Jeers, that his laughter, like a jangled Rings through the abyss of our [chime, {eternal} ^{asem} fall.	Esgar, o símio em nós a carnaval; Nem, qual do cínico ulterior, cascalha Seu riso, carrilhão que se baralha, Pelo abismo da queda {original} ^{asem} .
--	---

Encontramos alteração semântica na tradução de “eternal” (*eterno*) por “original”.

Tabela 4: OMISSÃO

Like a rose embowered In its own green leaves, By {warm} ^{omi} winds deflowered, Till the scent it gives Makes faint with too much sweet those [heavy-wingèd thieves:	Qual rosa que mora No cálice verde, E o vento desflora, E o aroma que cede Embriaga o alado roubador que a perde:
---	---

O sentido de “warm” (*quente*) não está presente em nenhum dos versos da estrofe traduzida. Isso caracteriza a OMISSÃO de “warm”.

Tabela 5: ACRÉSCIMO

When the angelus is ringing, Near the convent will you walk, And recall the choral singing Which brought angels down our talk? Spirit-shriven I viewed Heaven, Till you smiled--"Is earth unclean, [...]	Quando o angelus toca à oração, Não passarás ao pé deste convento, Lembrando-te, {a chorar} ^{acr} , do cantochão Que anjos traziam-nos do firmamento? No ardor meu Eu via o céu E tu: "O mundo é vil, ó meus desvelos, [...]
---	--

O sentido de “a chorar” não está presente em nenhum dos versos da estrofe original. Isso caracteriza o ACRÉSCIMO de “a chorar”.

Tabela 6: INVERSÃO

<p>{Eyes of mine, what are ye doing?}^{inv} Faithless, faithless,--praised amiss If a tear be of your showing, Dropt for any hope of HIS! Death has boldness Besides coldness, If unworthy tears demean "Sweetest eyes, were ever seen."</p>	<p>{Mas que fazeis, meus olhos}^{inv}, ó [perjuros! Perjuros ao louvor que ele vos deu, Se esta hora mesmo vos não mostrais puros De lágrima que acaso vos encheu? Será forte Choro ou morte Se indignos os tornar de teus desvelos – <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>
--	--

O trecho do original “Eyes of mine, what are ye doing?” (*Olhos meus, mas que fazeis?*) sofre inversão na tradução: “Mas que fazeis, meus olhos, [...]”.

4. O estudo de caso: soneto 130, de Shakespeare, e a tradução para português, de Ivo Barroso

4.1. Soneto 130, de Shakespeare

My mistress' eyes are nothing like the sun;
Coral is far more red than her lips' red;
If snow be white, why then her breasts are dun;
If hairs be wires, black wires grow on her head.

I have seen roses damasked, red and white,
But no such roses see I in her cheeks;
And in some perfumes is there more delight
Than in the breath that from my mistress reeks.

I love to hear her speak, yet well I know
That music hath a far more pleasing sound; I
grant I never saw a goddess go;
My mistress when she walks treads on the ground.

And yet, by heaven, I think my love as rare
As any she belied with false compare.

4.2. A tradução para o português, de Ivo Barroso

Seus olhos nada têm de um sol que arda
E mais rubro é o coral que sua boca:
Se a neve é branca, sua tez é parda;
São fios negros seu cabelo em touca.

Vi rosas mesclas de rubor e alvura,
Mas tais rosas não vejo em sua face.
Sei de perfumes que têm mais doçura
Que o hálito da amada evolasse.

Amo ouvi-la falar, porém insisto
Que mais me agrada ouvir uma canção.
De deusas nunca devo o andar ter visto —
Minha amante ao andar pisa no chão.

No entanto, pelos céus, acho-a mais rara
Do que a mulher que em falso se compara.

Ambos os poemas podem ser encontrados em SHAKESPEARE (2005).

5. O soneto 130

Tal poema é um dos sonetos de Shakespeare dedicados à *Dark Lady* (“Dama Negra”), uma mulher com quem Shakespeare se relacionou. Segundo Wanderley, ela

era morena, possivelmente bem tisonada, uma característica inferiorizante, numa sociedade elizabetana, onde a beleza era sinônimo (*fair*) de cabelos louros, pele clara olhos azuis ou verdes. [...] tocava um instrumento musical (possivelmente uma espineta²), e que teria o que hoje chamaríamos de um “temperamento musical”; que em sua vida passavam, “como em sorvedouro”, muitos homens e que estas relações, como era frequente na sociedade elizabetana, estavam longe de ser inocentes ou castas [...] (WANDERLEY, 1991, p.13)

De acordo com Wanderley, Shakespeare disputava a atenção da Dama Negra com Southampton, um nobre por quem o poeta também nutria sentimentos. O soneto 133 trata desse triângulo amoroso.

² De acordo com o Aulete Digital (2006), *espineta* seria: “Antigo instrumento de teclado e cordas percutíveis, semelhante ao cravo, mas de época anterior”. Disponível em: www.aulete.com.br/espineta

O soneto 130 trata somente da Dama Negra. Ao longo das três quadras, o eu-lírico não a idealiza, satirizando suas características. No dístico final, ele a enaltece.

6. O tradutor Ivo Barroso

Barroso é considerado um dos tradutores de literatura mais importantes no Brasil do século XX. Abaixo apresento algumas informações sobre esse renomado tradutor, retiradas do verbete “Ivo Barroso”, do *Dicionário de tradutores literários no Brasil*, da UFSC:

foi aluno da antiga Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, onde fez o curso de línguas e literaturas neolatinas. Desde cedo se dedicou à tradução de poesia, incentivado por seus mestres. Já na década de 60, integrou o movimento concretista que tinha no *Suplemento Literário do Jornal do Brasil*, seu veículo de expressão, no qual publicou várias de suas traduções e poemas originais. Pertenceu ao grupo redatorial da revista *Senhor*, e foi escolhido por Paulo Rónai para integrar o grupo de tradutores encarregado dos trabalhos da *Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura*. Em 1968, seguiu para a Holanda, onde começou a traduzir os *Sonetos* de Shakespeare. [...]Consagrou grande parte da sua vida à tradução dos poemas de Rimbaud. Em 1995, lançou, pela Topbooks, o primeiro volume das obras completas do autor francês, seguido em 1998 de *Prosa Poética*, com o qual ganhou o prêmio Jabuti de tradução. Ganhou também o Prêmio Jabuti pela tradução de *O livro dos gatos*, de T. S. Eliot, em 1992; o Prêmio Paulo Rónai da Biblioteca Nacional pela *Novela do bom Velho e da Bela Mocinha*, de Italo Svevo, em 1997 e em 2005, ganhou o prêmio da ABL (Academia Brasileira de Letras) de tradução por seu trabalho no *Teatro completo*, de T. S. Eliot. (VERÇOSA;GUERINI, 2005)

Foi lançado, também em 2005, uma obra bilíngue — *42 sonetos*, de Shakespeare — traduzidos para o português por Barroso. Dentre os originais e traduções, podemos encontrar o soneto 130 e a tradução deste escritor, que compõem o estudo de caso deste trabalho.

7.3. Comparação das anotações

TABELA C:

Anotadoras	Número de ocorrências anotadas
TM	10
AD	12

Aqui, notamos que AD anotou duas ocorrências a mais que TM. Isso se deve às duas alterações semânticas que somente AD anotou (comento tais discordâncias após a Tabela D).

TABELA D:

Anotadoras	Total de ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS
TM	4
AD	6

Quanto às alterações semânticas, houve duas discordâncias: aquelas anotadas somente por AD:

1. Primeira estrofe, quarto verso:
 - (a) AD: alteração semântica de "black wires grow on her head" (*Fios negros crescem em sua cabeça*) para "São fios negros seu cabelo em touca".
 - (b) TM: nesse trecho, apenas anotou "em touca" como acréscimo.
2. Terceira estrofe, segundo verso:
 - (a) AD: inversão e alteração semântica em "That music hath a far more pleasing sound" (*Quemúsica tem um som bem mais agradável*) para "Que mais me agrada ouvir uma canção".
 - (b) TM: nesse trecho, apenas anotou INVERSÃO.

TABELA E:

Anotadoras	Total de OMISSÕES
TM	1
AD	1

Quanto às omissões, não houve discordâncias.

TABELA F:

Anotadoras	Total de ACRÉSCIMOS
TM	2
AD	2

Quanto aos acréscimos, houve duas discordâncias:

(a) Discordância:

a.1. AD: segunda estrofe, terceiro verso: acréscimo de “Sei de”. TM não anotou nada nessa estrofe.

a.2. TM: primeira estrofe, quarto verso: acréscimo de “em touca”. AD anotou alteração semântica de "black wires grow on her head" (*Fios negros crescem em sua cabeça*) para “São fios negros seu cabelo em touca”.

TABELA G:

Anotadoras	Total de INVERSÕES
TM	3
AD	3

Quanto às inversões, não houve discordâncias.

TABELA H:

Total de concordâncias	9
Total de discordâncias	4
Categorias que levaram a mais concordâncias	OMISSÃO e INVERSÃO
Categorias que levaram a mais discordâncias	ALTERAÇÃO SEMÂNTICA e ACRÉSCIMO

Em relação às 4 discordâncias, 2 foram quanto a alterações semânticas e 2 referentes aos acréscimos.

Em relação às categorias que levaram a mais concordâncias, observamos que OMISSÃO e INVERSÃO foram as duas únicas categorias que apresentaram somente convergências. Já quanto às categorias que levaram a mais discordâncias, notamos que

ALTERAÇÃO SEMÂNTICA e ACRÉSCIMO foram as duas únicas categorias que apresentam alguma divergência nas anotações.

7.4. Discussão dos resultados

De acordo com a Tabela H, as categorias que levaram a mais concordâncias foram OMISSÃO e INVERSÃO. Creio que isso tenha ocorrido devido à maior facilidade de detectar tais categorias, pois suas explicações apresentam uma contraparte formal: omissão de palavras e inversão da ordem de palavras, respectivamente.

Ainda nessa tabela, observamos que as categorias que levaram a mais discordâncias foram ALTERAÇÃO SEMÂNTICA e ACRÉSCIMO. Quanto às divergências em relação à categoria *alteração semântica*, podemos dizer que elas ocorreram devido às explicações vagas dessa categoria. Diferentes anotadores podem discordar muito quanto ao que seria uma *alteração de elementos semânticos*, e deve ter sido isso o que aconteceu no caso em questão. AD considerou que na tradução de "black wires grow on her head" (*Fios negros crescem em sua cabeça*) para "São fios negros seu cabelo em touca" (primeira estrofe, quarto verso), e de "That music hath a far more pleasing sound" (*Que música tem um som bem mais agradável*) para "Que mais me agrada ouvir uma canção" (terceira estrofe, segundo verso) houve *alteração de elementos semânticos*. E, para mim, em nenhuma dessas traduções ocorreu tal alteração. Essas duas discordâncias me motivaram a reformular as explicações da categoria ALTERAÇÃO SEMÂNTICA, a fim de evitar vagueza e, assim, divergências futuras.

Apesar das explicações da categoria ACRÉSCIMO terem um complemento formal, ela foi uma das categorias que causou mais divergências. As explicações dessa categoria, por mais claras que parecem ser, causaram discordâncias: somente AD anotou "Sei de" (segunda estrofe, terceiro verso) como ACRÉSCIMO; e somente TM anotou "em touca" (primeira estrofe, quarto verso) com essa mesma categoria.

Conclusão

A explicitação, sistematização e validação de categorias do nível semântico-lexical iniciaram-se neste estudo, e podem continuar em estudos futuros. Por exemplo, as categorias ALTERAÇÃO SEMÂNTICA e ACRÉSCIMO precisam de reformulação, porque causaram divergências entre as anotações, o que evidencia a instabilidade dessas categorias, que nada mais são que palavras da linguagem natural. Através dos resultados deste trabalho, pude notar como nossas idealizações são limitadas. Para identificar e classificar as categorias em questão, cujas explicações e reformulações parecem óbvias, aderimos a uma série de pressupostos, não explicitados, que permeiam nosso entendimento do que viria a ser um *acréscimo*, uma *alteração semântica*. A anotação nos obriga a delimitar as explicações das categorias, para que se chegue cada vez mais perto do consenso.

As divergências no nível semântico-lexical, salientadas pela anotação, não são encaradas de modo absoluto: como não há total concordância, apenas pode haver total discordância e, assim, não há como existir avaliações de tradução de poesia com um mínimo de consenso. Neste estudo, consideramos que as categorias utilizadas, apesar de imprecisas, podem apontar novos caminhos que nos aproximem cada vez mais de uma metodologia para avaliações cada vez mais concordantes.

Creio que a área de tradução de poesia enriqueceu-se do diálogo com a Linguística Computacional: a anotação prevê interpretações e tomadas de decisão, evidenciando, assim, as possíveis interpretações e decisões tomadas durante o processo de tradução. Assim, acredito que tal estudo pode ser considerado como uma das possíveis continuções do pontapé inicial dado por Britto na questão de avaliações minimamente consensuais de traduções de poesia.

Um caminho que poderia ser seguido a partir deste trabalho, através de uma parceria com a Engenharia Computacional, seria o desenvolvimento de uma ferramenta para anotação de poemas, e de uma métrica para avaliação de traduções de poesia, utilizando as categorias presentes neste trabalho. Assim, este estudo poderia ser visto, de certa forma, como uma contribuição para a Linguística Computacional também.

Referências

- BRITTO, Paulo H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. Correspondência formal e funcional em tradução poética. In: Souza, Marcelo Paiva de et al. **Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução**. Vitória: PPGL/MEL / Flor&Cultura, 2006c.
- _____. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002.
- ELLIS, John M. The heart of language: categorization. In: _____. **Language, Thought and Logic**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1993. p. 27-44.
- FREITAS, C. Corpus, Linguística Computacional e as Humanidades Digitais. In: LEITE, M.S; GABRIEL, C.T. (orgs.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.
- GUERINI, A.; VERÇOSA, F.B.S. Ivo Barroso. In: GUERINI, A.; TORRES, Marie Helene (Org.) ; FURLAN, Mauri (Org.) ; COSTA, Walter Carlos (Org.) ; HEIDERMAN, W. (Org.) . **Dicionário de tradutores literários no Brasil**. Florianópolis: NUT, 2005. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/IvoBarroso>. htm. Acesso em: 13 abr.2017.
- LEECH, G. Introducing corpus annotation. In: GARSIDE, R.; LEECH, G.; MCENERY, T. **Corpus annotation: linguistic information from computer text corpora**. London: Longman, 1997. p. 1-18.

Menezes, Juliana Cunha; Britto, Paulo Henriques (Orientador); de Freitas, Maria Cláudia (Coorientadora). **Avaliação de tradução de poesia: a anotação na busca pelo consenso**. Rio de Janeiro, 2017, 196p. Tese de Doutorado — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

NIETZSCHE, F. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. Tradução de Torres Filho, R. In: **Antologia de Textos Filosóficos**. MARÇAL, J. (org.). Paraná: SEED, 1873/2009.

SANTOS, Diana ; MARQUES, Rui ; FREITAS, Cláudia ; SIMÕES, Alberto ; MOTA, Cristina. Comparando anotações linguísticas na Gramateca: filosofia, ferramentas e exemplos. **Domínios de Lingu@Gem**, Uberlândia, v. 9, nº2, abr-jun, p. 11-26, 2015.

SARAIVA, A. **Fernando Pessoa: Poeta-Tradutor de Poetas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

SHAKESPEARE, W. **42 sonetos**. Tradução e introdução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. **Sonetos**. Tradução e notas de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.